

AS ORIGENS DO MÉTODO HUMEANO

Laiz Fidelis Ribeiro¹

RESUMO

A intenção presente nesta pesquisa é investigar quais os principais conceitos para a fundamentação do método humeano e descobrir se para Hume o método experimental conseguiu satisfazer o que ele esperava, ter um conhecimento verdadeiro e sólido para sua filosofia sem se utilizar da metafísica tradicional. Para alcançarmos o objetivo utilizaremos a obra *Tratado da natureza humana*, que foi dividida pelo filósofo em três livros: *Do entendimento*, *Das paixões e Da moral*. Seu objetivo era compreender primeiramente a mente humana e suas ramificações, para que assim pudesse explicar como as paixões, juntamente com os princípios do entendimento, poderiam ser benéficos e fundamentais para os princípios morais.

PALAVRAS-CHAVES: Método experimental, natureza humana, ciência do homem, conhecimento, princípio causal.

THE ORIGINS OF THE HUMEAN METHOD

ABSTRACT

The present intention of this research is to investigate the main concepts for the foundation of the humean method and find out if for Hume the experimental method was able to satisfy what he expected, to have a true and solid knowledge for his philosophy without using traditional metaphysics. In order to reach the objective, we will use the work *Treated of human nature*, which was divided by the philosopher into three books: *On understanding*, *On passions and On morals*. His aim was to first understand the human mind and its ramifications, so that he could explain how the passions, together with the principles of the understanding, could be beneficial and fundamental to moral principles.

KEYWORDS: Experimental method, human nature, science of man, knowledge, causal principle.

¹ Mestranda pela Universidade Estadual do Ceará. área de pesquisa: Ética, epistemologia, estética, psicologia moral.

1. INTRODUÇÃO

David Hume foi um filósofo de grande prestígio do século XVIII, um dos primeiros filósofos a fundamentar totalmente uma base filosófica a partir do estudo da natureza humana, e foi com esse estudo que criou uma ciência do homem. Hume acreditava que era necessário termos um conhecimento sólido da natureza humana, para que ela se tornasse a base para a “ciência do homem”. Este é um dos motivos pelos quais o filósofo apontou como princípios fundamentais a experiência e a observação, já que é apenas com a experiência que temos dos fenômenos que nos aparecem e com o observar desses fenômenos que conseguiremos obter um conhecimento seguro para a fundamentação da ciência do homem, e a partir desta, as outras ciências.

Hume afirma que todas as ciências têm uma relação, seja ela maior ou menor com a natureza humana e “[...] por mais que alguma dentre elas possam parecer se afastar dessa natureza, a ela sempre retornará por um caminho ou outro. Mesmo a *matemática*, a *filosofia da natureza* e a *religião natural* dependem de certa medida da ciência do *HOMEM*” (HUME, 2009, p. 20-21, grifo do autor). O filósofo coloca os homens como seu objeto de estudo e afirma que é com esse objeto que as investigações conseguirão alcançar o conhecimento seja das coisas, seja de nós mesmos. A base para todo conhecimento encontra-se exclusivamente nos homens, assim Hume afirma que por esse motivo em seu método o princípio fundamental é o “objeto-homem”, já que é ele que pode fornecer a experiência e a observação necessária para alcançarmos o conhecimento.

A principal fonte de inspiração para a fundamentação do método humeano encontra-se na “filosofia natural” do filósofo² Isaac Newton (1642-1727). Hume viu em

² Embora Newton seja reconhecido pela formulação física de leis da mecânica, sendo um dos principais expoentes da física moderna, em seu período o conceito de Filosofia era compreendido na instância, tida como essência já por Descartes (DESCARTES, 1973), de fundamentação teórica das ciências naturais.

Newton a possibilidade de uma justificação para o seu método experimental. De acordo com uma interpretação amplamente difundida, Newton é a grande inspiração para os pensadores de século XVII. Hume, como muitos de seus contemporâneos, aspirava que o método experimental de Newton seria bem significativo para as ciências morais. O método newtoniano conseguiu produzir um sistema matemático que aplicava seus princípios à filosofia natural, ou seja, ao sistema do mundo incluindo suas regras e dados. Esta produção permitiu que Newton tratasse as problemáticas das ciências exatas como exercícios matemáticos, ligando a experiência e a observação à matemática de maneira especial e fecunda.³ Assim como o método experimental o empirismo de Hume também sugere um método que toma a experiência privada como ponto de partida e argumenta a partir deste ponto de partida.

A partir da fundamentação de seu método experimental Hume, na obra *Tratado da natureza humana*, põe como subtítulo a sua maior pretensão: “uma tentativa de introduzir o método experimental nas questões morais”. Para isso ele acreditava que apenas com a investigação da natureza humana poderíamos fundamentar os princípios necessários para a moralidade. Por isso na introdução da obra *Tratado*, propõe “um sistema completo das ciências construído sobre uma base inteiramente nova” (HUME, 2009, p. 22). A sua nova fundamentação é o estudo científico da natureza humana, pois para ele todas as ciências são atividades propriamente humanas, assim como a “Matemática, a filosofia natural e a religião natural” (HUME, 2009, p. 21). Portanto tudo que for determinado por essas ciências dependem inteiramente da compreensão e do conhecimento humano.

Quando Hume estabeleceu o seu método empirista se opôs aos princípios metafísicos tradicionais *a priori*. Foi com seu empirismo que recusa aceitar qualquer afirmação que tenha como base os princípios sobrenaturais ao explicar a natureza humana. Pretendemos investigar como Hume faz uma interpretação acerca da natureza, e

Prova disso é, por exemplo, sua principal obra ser intitulada: *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (1687).

³ Olhar a obra *O “Estilo Newtoniano”, o espaço, o tempo e o movimento” absoluto”: controvérsias entre cartesianos e newtonianos*, de 2006.

para chegarmos a uma conclusão, viu-se necessário primeiramente compreender qual a relação entre a filosofia humeana e newtoniana

Existem intérpretes que dizem que foram outras as influências, mas o que faz acreditar que seja Newton é uma passagem da *Enquiry concerning human understanding* (1990) em que Hume postula a física newtoniana como o modelo metodológico para a filosofia. Apesar da declaração de Hume, existe outros estudiosos que argumentam que foi o método experimental de Robert Boyle⁴ a influência que houve no pensamento de Hume. Outros acreditam que seu trabalho se encontra em uma tradição que aplica os métodos baconianos de história natural na investigação moral, uma tradição que começou com Locke e floresceu na Escócia naquela época.

2. INFLUÊNCIA CIENTÍFICO-FILOSÓFICA

Hume aceitava os métodos newtonianos e tomou grande parte de seus princípios como fonte para alcançar o seu tão almejado “método experimental”, por isso utilizava-se dele para fundamentar seus princípios filosóficos. Exemplos desses princípios são: os princípios de causa e efeito, o princípio de associação de ideias, entre outros. Hume se utiliza do conceito de gravidade de Newton para retratar os princípios de causa e efeito, assim como também se utiliza para afirmar a conjunção constante entre as causas e os efeitos⁵. Mas nota que uma causa, por meio do método experimental, deveria ser necessariamente um evento observável. Segundo Hume afirma, observável assim como todas as relações causais. Entretanto quando Hume retrata os princípios causais dos hábitos⁶, os determina como causas inobserváveis que surgem da própria natureza

⁴ Sobre essa leitura sobre Boyle ver Barfoot (1990)

⁵ Sobre esta leitura olhar a *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*.

⁶ Um dos assuntos mais debatidos entre os especialistas na atualidade é o princípio do hábito na filosofia humeana, pois segundo eles o filósofo Immanuel Kant (1724-1804) faz uma crítica direta ao sistema dos hábitos de Hume. Para Hume os hábitos não podem decorrer das experiências, eles decorrem simplesmente da natureza humana, e são claramente determinados como anterior a qualquer experiência. Por isso, para Monteiro, Kant está completamente equivocado ao criticar o sistema de “causa do hábito” empregado por Hume, como podemos observar: “A leitura kantiana da filosofia de Hume é, no mínimo, equivocada, pois Hume não confere à experiência o conceito de causa e, em segundo lugar, porque, além de não estar fundada na imaginação, no sentido kantiano, está fundada em uma das faculdades da imaginação que no tratado Hume chama de *entendimento*” (MONTEIRO, 2009, p. 534).

humana. O filósofo também se utilizou da filosofia natural de Newton para fundamentar “os princípios de associação de ideias” que por sua vez tem uma grande semelhança com a lei de movimento newtoniana.

Hume concordava com a máxima newtoniana das “hipóteses”. Para Newton tudo que não fosse deduzido pela experiência deveria ser determinado como hipóteses, tudo que fosse baseado em qualidades ocultas ou na metafísica não poderia fazer parte da filosofia experimental. Assim Hume também concordava com a filosofia newtoniana, de que não poderia concordar com os princípios metafísicos nem hipotéticos como fundamentação de seu método experimental. Uma de suas principais frases para esta afirmação encontra-se na obra *Uma investigação sobre os princípios da moral* (2013), segundo Hume:

Hoje os homens estão curados de sua paixão por hipóteses e sistemas em filosofia natural, e não darão ouvidos a quais quer argumentos a não ser àqueles derivados da experiência. Já é hora de que se propunham a uma reforma semelhante em todas as investigações morais e rejeitem todas os sistemas éticos, por mais sutis e engenhosos, que não estejam fundados em fatos e na observação (HUME, 2013, p. 25)

Assim determinou como princípios fundamentais para seu método a “observação e a experiência”, para que em nenhum momento seu método caísse sobre os princípios da dedução ou da metafísica. Para ele só o método experimental poderia ser a fonte para quaisquer leis que fossem estabelecidas. Dessa forma Hume está propondo uma alternativa empírica para a metafísica tradicional *a priori*; que pretendia referir-se à realidade exterior ao sujeito pensante, sem qualquer traço de experiência sensível. Por esse motivo o filósofo nos afirma que é necessário rejeitar todo sistema, por mais sutil ou engenhoso que seja, que não se baseie em fatos e observações (HUME, 2009). Pois apenas assim conseguiremos alcançar um conhecimento mais profundo e seguro da realidade.

Para fundamentar seu estudo sobre a natureza humana, Hume pretende dar início ao estudo científico da mente humana, mas para isso ser possível é necessário que tenhamos uma descrição e explicação precisa sobre “a geografia mental” que consiste em determinar as distintas partes e poderes da mente. Muitos afirmam entender as básicas

distinções entre o conteúdo e as operações da mente, mas para Hume seu estudo é fundamental para compreendermos as mais refinadas partes de nosso entendimento, desde o conhecer os fenômenos que nos aparece até um simples apetite. Hume quer explicar como a mente funciona para assim conseguir descobrir as fontes mais minuciosas dela, assim como Newton havia feito indo muito além do que os cientistas de sua época, e determinou as leis e forças que governavam e que dirigiam os planetas. O filósofo acreditava que assim como Newton teve um grande prestígio em sua descoberta ele também o teria, e por isso pretendia encontrar as leis fundamentais que governassem nossa mente e entendimento.

Em sua investigação acerca da mente humana Hume pretende encontrar um conjunto de leis que possam explicar os conteúdos da mente a partir de nossas percepções. Assim as percepções foram divididas entre simples e complexas, e delas surgem nossos sentimentos, crenças e ações. Para Hume, assim como Newton foi capaz de explicar os fenômenos físicos a partir do método experimental, ele acreditava que também conseguiria com seu método explicar “todos os efeitos das causas mais simples e mínimas” (HUME, 2009, p. 22). Pensar sua investigação acerca dos princípios mais minuciosos dos homens tornaria todos os princípios fontes da fundamentação do conhecimento sólido e universal.

Mesmo se tornando limitado pela experiência e observação, Hume garante que quando “chegamos ao limite da razão humana, sentamo-nos contentes” (HUME, 2009, p. 23). Pois a única razão que podemos dar aos nossos princípios mais gerais é “a nossa experiência da sua realidade” (HUME, 2009, p. 23). Hume é newtoniano em todo seu método, como quando explica sua descrição dos princípios que são fundamentais para a operação da mente, pautados nos princípios de “associações de ideias” que tem por base a teoria da atração gravitacional. Hume ao explicar sobre o funcionamento da mente humana utiliza determinados termos que se demonstram como necessários para o auxílio da compreensão das operações do entendimento humano. Contudo, demonstrou-se necessário analisar como a observação e a experiência foram determinadas como fonte fundamental para a sistematização da mente humana

3. O “MAPA MENTAL”⁷

Todo o período moderno foi o auge para a investigação das ideias de causalidade, assim como determinar o que seria o bem e o mal moral. Assim tudo que era compreendido como algo que não tivesse correspondência com o objeto físico poderia ser determinado como ideia. Hume conseguiu converter essa teoria com seu empirismo, e explicou que tudo poderia ser compreendido a partir das experiências. Então ele inicia sua obra *Tratado da natureza humana* com o relato das percepções. Para Hume as percepções são a fonte de todo o conteúdo mental e por isso categorizou nossas percepções de duas maneiras: *Impressões e ideias*.⁸

A percepção que tem mais força e vividez são as impressões, definidas por Hume pelas primeiras sensações, emoções e paixões que aparecem à alma. Por isso as impressões tem uma força e vividez maior sobre o entendimento. Já as ideias são as fracas imagens e lembranças dessas impressões, que estão nos pensamentos e raciocínios. Hume distingue as impressões em duas maneiras: Impressões originais (de sensação) e impressões secundárias (de reflexão). As primeiras impressões são aquelas que incluem os sentimentos que obtemos dos sentidos, seja quando proporciona dor ou prazer, elas são as que surgem “originalmente na alma, de causas desconhecidas”⁹ (HUME, 2009, p. 32) Já as impressões secundárias incluem: desejos, emoções, paixões e sentimentos, que são reações ou uma forma de resposta às ideias presentes no entendimento e por isso elas são as de reflexão. Por exemplo: quando alguém tem uma lembrança ou memória de ter cortado o dedo, o ato de lembrar é uma ideia. As ideias são cópias das impressões

⁷ Termo utilizados pelos especialistas humeanos, olhar Morris, William Edward e Charlotte R. Brown, "David Hume", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (2021).

⁸ Na obra *Hume entre o ceticismo e o naturalismo*, Aparecido nos afirma que “Hume apresenta o caráter cognoscitivo do homem como essencial à compreensão de sua natureza. Distinguindo as percepções em Impressões e Ideias, inicia um complexo sistema epistêmico que culminará nos princípios associativos da mente humana. Um desses princípios, a causalidade, é a responsável pela formação de crenças no homem, devido à influência estabelecida pelo hábito ou costume. Nessa perspectiva, nossas crenças relacionadas à relação de causalidade entre dois objetos não passam de associações mentais, não possíveis de certeza e verificação empírica” (APARECIDO, 2013, p. 62). Nesta afirmativa compreendemos que assim como a experiência e a observação foram o ponto chave para o método experimental, ela também teve um papel fundamental na filosofia humeana ao tratar das questões mais debatidas de sua época como foi a relação de causalidade das ideias assim como as questões morais.

⁹ Essas causas desconhecidas podem ser compreendidas como os fenômenos. No caso são os objetos que nos aparecem no decorrer de nossa vida, mas neste sentido está se referindo a primeira vez que esses fenômenos aparecem para nós.

originais que alguém já teve quando o dedo foi cortado. Lembrar dessa ideia pode proporcionar um medo de que novamente o dedo poderá ser cortado, e isso faz com que se tome mais cuidado e que se evite materiais que possam cortar novamente o dedo.

As impressões e as ideias são classificadas como simples ou complexas, as impressões complexas são constituídas por um grupo de impressões simples. A impressão que temos de uma maçã quando a escolhemos é complexa. Pois a maneira como aquela maçã afeta os sentidos está relacionada a sua cor, seu sabor e seu formato. Só conseguimos distinguir essa maçã das outras maçãs porque ela se destaca das outras impressões de maçãs que temos em nosso entendimento. Seu sabor, cor e formato são impressões simples (mas que determina a diferença dessa maçã em relação às outras maçãs), que não pode ser confundida com as outras impressões de maçãs, por isso conseguimos distinguir maçãs vermelhas de maçãs verdes.

Quando Hume distingue as impressões das ideias em termos de força e vividez, ele consegue realmente mostrar a grande diferença entre esses dois princípios, pois as impressões e as ideias são tão diferentes que ninguém poderia negar sua distinção. Alguns estudiosos afirmam que o método humeano parece ser limitado, porém Hume afirma que podemos separar e combinar todas as nossas ideias, criando assim uma pluralidade de conhecimentos para o entendimento. Um exemplo dessa combinação é quando acredita-se existir vida em outros planetas. Relaciona-se a existência terrestre com a possível existência de seres e de planetas que possam ser habitáveis assim como a Terra. Até mesmo este exemplo é derivado de impressões acerca da observação e experiência que temos da realidade, por isso acredita-se que pode existir vida em outras galáxias.

Explicando esses pequenos detalhes, Hume demonstrou ser capaz de compreender todo o sistema da mente, e concluiu que apenas com o conhecimento de nosso próprio entendimento poderemos adquirir um conhecimento sólido e verdadeiro da realidade. Para Hume é evidente que para alcançar o conhecimento verdadeiro e sólido é preciso se utilizar da experiência e da observação, como havíamos dito anteriormente. Entretanto, é preciso compreender em que circunstâncias esses conceitos tornam-se fundamentais para a ciência do homem.

A essência da mente nos parece tão desconhecida que se torna difícil conhecer suas qualidades e poderes de outra forma que não seja pela experiência e

observação. Sendo esses experimentos feitos de forma cuidadosa e precisa para que com a observação possamos compreender todos os efeitos particulares resultantes de suas diferentes circunstâncias. Esse é o papel principal da experiência e da observação presentes na ciência homem de Hume, assim ele afirma que:

[...] devemos reunir nossos experimentos mediante a observação cuidadosa da vida humana, nos comportamentos dos homens em sociedade, em suas ocupações e em seus prazeres. Sempre que experimentos dessa espécie forem criteriosamente reunidos e comparados, podemos esperar estabelecer, com base neles, uma ciência, que não será inferior em certeza, e será muito superior em utilidade, a qualquer outra que esteja ao alcance da compreensão humana (HUME, 2009, p. 24).

Certo da eficácia de seu método, Hume buscou demonstrar que a experiência e a observação cuidadosa do comportamento humano sejam na sociedade ou quando se trata das paixões, das ações e de seus prazeres proporcionaria uma melhor compreensão sobre a natureza humana. É com a experiência obtida que utilizamos os critérios e comparações necessárias para a base da ciência, e por sua vez esta ciência não será inferior as outras, ela será muito mais superior em utilidade, já que essa está ao alcance da compreensão da natureza humana.

Para algumas interpretações o problema da indução em Hume foi um dos pontos mais importantes ao tratar da construção do método humeano. Por essa razão, nota-se necessário compreendermos qual a significatividade do problema indutivo para Hume e descobrir se esse princípio é relevante para o método humeano. Utilizaremos a sua principal obra *Tratado da natureza humana* para chegarmos a uma conclusão acerca dessa afirmação, proposta pelos especialistas.

4. O “PROBLEMA DA INDUÇÃO”

Para Hume as ideias são cópias de impressões, mas essa relação só é possível quando se trata das ideias simples e das impressões simples. Ele estabelece essa cópia como um “princípio da cópia” que é um dos seus primeiros princípios para a ciência da natureza humana. Para todas as ideias simples existe uma correspondência com a existência de impressões simples, mas Hume conseguiu demonstrar que essa correspondência também poderia acontecer entre as ideias. Neste momento observa-se

um dos grandes marcos para a filosofia humeana. Em sua obra *Tratado da natureza humana*, livro I, parte 3, seção 6, Hume notou que seria possível aplicar os princípios de causa e efeito às ideias simples, mesmo elas sendo cópias de impressões, porém o filósofo não sabia que ao fazer isso chamaria tamanha atenção para sua filosofia.

O argumento de Hume foi um dos mais famosos para o século XVIII e ficou conhecido como “o problema da indução”, porém os filósofos de sua época cometeram um pequeno equívoco ao compreender que o princípio de causa e efeito das ideias teriam a ver com a relação entre o objeto e sua qualidade, ao acreditar que podemos afirmar a qualidade e a existência de coisas sem passarmos pela observação ou experiência. A presente problemática na indução é que segundo Hume nada poderia surgir ou se afirmar antes de qualquer experiência¹⁰: “É apenas pela *experiência*, portanto, que podemos inferir a existência de um objeto da existência de outro” (HUME, 2009, p. 116, grifo do autor). Hume está afirmando que mesmo sendo possível a relação de causa e efeito entre as ideias, ainda assim elas precisam antes de mais nada serem cópias de uma impressão. Então seria impossível fazermos qualquer afirmação a partir de uma inferência indutiva, como por exemplo: corpo se nutrir, mas acreditar que outro pedaço de bolo parecido com aquele possa fazer o corpo se nutrir, é segundo Hume algo puramente *a priori*.

A relação de causa e efeito entre nossas ideias só pode ser feita a partir das experiências, especificamente, nas experiências de “*conjunção constantes*” (HUME, 2009, p. 116, grifo do autor). A ideia de causa e efeito presente em nossas ideias são derivadas das experiências, para que possam nos informar que os objetos nos quais consigo notar a relação de causa e efeito, são aqueles nos quais em todos os casos anteriores estiveram um com o outro. Neste caso a existência da conjunção se dá a partir de objetos que sempre se assemelham em todas as experiências passadas, e é por isso que para Hume é “impossível” que essa suposição indutiva possa ser considerada verdadeira. Porém, se há uma conexão de causa e efeito, qual dos dois princípios poderiam ser considerados a causa e quais deles seriam determinados como efeitos?

¹⁰ Olhar a obra *Teoria e experiência na ciência da natureza humana de Hume*, de Cachel no qual demonstra a importância do método humeano para as questões acerca da ciência do homem.

Hume afirma que a experiência nos mostra que impressões sempre são primárias, “*impressões*; sob esse termo incluo todas as nossas sensações, paixões e emoções, em sua primeira aparição à alma” (HUME, 2009, p. 25, grifo do autor). Elas sempre precisarão ser as primeiras a aparecer para nosso entendimento, então após a apreensão das impressões simples poderemos conhecer as ideias que as correspondem. Nota-se que há uma conexão entre as nossas impressões e ideias correspondentes e é por esse motivo “que há uma dependência das impressões em relação às ideias, ou das ideias em relação às impressões” (HUME, 2009, p. 29). Para descobrirmos qual a ordem entre as impressões e ideias, basta irmos de encontro com a primeira aparição ou irmos em direção à experiência constante dessa aparição, então descobrimos que “as impressões simples sempre antecedem suas ideias correspondentes, nunca aparecendo na ordem inversa” (HUME, 2009, p. 29). Por exemplo: quando queremos dar a uma criança a ideia do sabor de uma banana, devemos dar a ela a fruta para que ela possa experimentar, e não o sentido contrário, tentar produzir uma impressão a partir de uma ideia.

Nossas ideias, segundo Hume, não podem produzir impressões correspondentes assim como acontece com nossas impressões. Não podemos acreditar que a força e vividez presentes em nosso entendimento, quando observamos uma cor ou quando temos uma sensação, pode simplesmente ter a mesma força ou vividez que temos em uma impressão ao pensarmos em uma cor ou pensarmos em uma sensação. Assim Hume nos afirma que:

Em contrapartida, vemos que qualquer impressão, da mente ou do corpo, é constantemente seguida por uma ideia que ela se assemelha, e da qual difere apenas nos graus de força e vividez. A conjunção constante de nossas percepções semelhantes é uma prova convincente de que umas são as causas das outras; e essa anterioridade das impressões é uma prova equivalente de que nossas impressões são as causas de nossas ideias, e não nossas ideias as causas de nossas impressões (HUME, 2009, p. 29).

Mesmo que possamos combinar nossas ideias simples, há uma ordem regular em nossos pensamentos, pois caso não exista essa ordem todos os nossos pensamentos ficariam “soltos e desconectados” (HUME, 2009, p. 34). Não conseguiríamos pensar de forma coerente e precisa, então como se daria a ordem de nossas ideias? Para alcançar uma resposta para esta nota-se que segundo a interpretação humeana há um vínculo ou

uma possível união entre ideias particulares, que a mente consegue introduzir passando assim de uma ideia para outra, está é a forma pela qual a capacidade mental consegue associar determinadas ideias. Essa associação não é uma conexão indissolúvel, mas sim “uma força suave, que comumente prevalece” (HUME, 2009, p. 34). Esse é o meio pelo qual uma ideia introduz naturalmente a outra. Para Hume são as qualidades que dão origem ao surgimento da associação entre nossas ideias e tais qualidades são nomeadas pelo filósofo como “SEMELHANÇA, CONTIGUIDADE no tempo ou no espaço, e CAUSA e EFEITO” (HUME, 2009, p. 35, grifo do autor).

Para exemplificar os princípios (ou qualidade) de associação entre as ideias começaremos com a semelhança. Quando observamos uma foto de nossos pais, naturalmente pensamos neles, pois a foto parece com eles. Já quando lembramos de algo que aconteceu em uma época distante, por exemplo: Quando lembramos da praia, ao passarmos por outras praias conseguimos lembrar de todas as outras que já visitamos, isso acontece porque elas são temporalmente contíguas. Já os princípios de causa e efeito se dão quando “observarmos que dois objetos estão conectados pela relação de causa e efeito não apenas quando um produz um movimento ou uma ação qualquer no outro, mas também quando tem o poder de os produzir” (HUME, 2009, p. 36).

É possível encontrar esses princípios de causa e efeito em todas as relações de interesses e deveres presentes no âmbito social, pois é devido a essas circunstâncias que podemos observar a existência entre os laços do governo e de subordinação. Assim só existe o governo porque os próprios homens o criaram, ao mesmo tempo que eles aceitaram uma autoridade governamental também aceitaram se tornar obedientes ao governo. É dessa maneira que acontece o princípio de causa e efeito, como afirma Hume ne obra *Tratado da natureza humana*:

Quando uma pessoa possui um certo poder, nada mais é necessário para convertê-lo em ação que o exercício da vontade; e isso, em todo os casos, é considerado possível, e em muitos, provável- especialmente ao caso da autoridade, em que a obediência do súdito é um prazer e uma vantagem para o superior (HUME, 2009, p. 36).

Assim como no exemplo, Hume acredita que as ideias simples também podem se assemelhar ao sistema vigente da sociedade. Em nossa memória ocorrem processos de

atração e de conexão entre as ideias. Esse processo, segundo Hume, é uma espécie de “atração” que faz os efeitos serem correspondidos tanto em nossa capacidade mental quanto no mundo natural. Quando esse processo acontece as formas entre o real e o mental se tornam igualmente correspondentes, tornam-se assim determinações dos princípios de causa e efeito.

Segundo Hume, entre os três princípios de associação, o da causa e efeito é o mais forte porque “Basta observar que nenhuma relação produz uma conexão mais forte na fantasia e faz com que uma ideia evoque mais prontamente outra ideia que a relação de causa e efeito entre seus objetos” (HUME, 2009, p. 35). A causa e o efeito é o princípio que consegue estabelecer uma ligação entre nossas experiências passadas e presentes para criar novas expectativas para o futuro. Todos os raciocínios sobre as questões de fato têm como fundamento a relação entre causa e efeito. Por exemplo: quando alguém está com sede ao beber água essa necessidade é sanada, então futuramente quando essa necessidade novamente surgir, espera-se que ao beber a água ela será também sanada.

Hume deixa claro que os princípios associativos de causa e efeito ou causalidade são os menos compreendidos. Segundo os especialistas Morris, William Edward e Charlotte, Hume não tenta explicar o porquê dos princípios de associação entre as ideias, ele simplesmente se interessa em estabelecer associações entre elas. O filósofo afirma que os princípios associativos podem explicar as operações importantes da mente, a partir do empirismo, e por fim conclui que talvez possa ter esquecido alguns princípios para o sistema associativo. Porém ele nos deixa claro que somos livres para examinarmos os próprios pensamentos para que assim possamos determinar se a semelhança, contiguidade e a causa e o efeito podem explicar, necessariamente, os princípios básicos pelos quais a mente é fundamentada.

5. A CAUSALIDADE HUMEANA

Hume no século XVIII entrou em um debate acerca da distinção tradicional entre o conhecimento e a crença, adaptou os termos para sua filosofia e os determinou a partir de seu método experimental. Por isso dividiu todos os objetos da razão ou investigação humana em duas categorias: *relações de ideias* e *questões de fato*. A relação entre ideias

corresponde a um conhecimento *a priori*, pois independem da experiência, por exemplo: dizer que $15 \times 5 = 75$ é verdade mesmo que não haja qualquer correspondência na natureza que confirme essa afirmação, negar que esse resultado não é verdadeiro se torna contraditório. Já as questões de fato dependem inteiramente de como o mundo é, e não podem ser estabelecidas por demonstrações. Por exemplo: afirmar que no Ceará não tem praia é falso, já que o Ceará fica no litoral Brasileiro, acreditar que não tem praia seria cometer um erro.

A distinção entre as *relações de ideias* e *questões de fato* é chamado pelos especialistas como “o garfo de Hume” (Hume’s Fork), e geralmente é usado para retratar a negatividade humeana, pois ele estaria excluindo proposições que poderiam ser significativas, apenas por não corresponderem com as relações de ideias ou as questões de fato. Assim surge o grande problema da indução na filosofia humeana. A problemática da indução surge a partir de uma análise das noções de causa e efeito estabelecidos pelo filósofo, quando afirmou que a mente é fundamentada apenas pelas impressões e ideias. Hume determinou todas as ideias como atribuições específicas das impressões e das experiências dos sentidos: “todas as nossas ideias simples, em sua primeira aparição, derivam de impressões simples, que lhes correspondem e que elas representam com exatidão” (HUME, 2009, p. 280). Assim poderíamos acreditar que nesta circunstância as ideias complexas também seriam criadas por combinações de ideias simples. Dessa maneira o filósofo notou que o princípio da causalidade poderia também estar presente nas relações entre ideias.

Para Hume a relação de causalidade seria a única relação possível pela qual poderíamos ir além das experiências e memória e isso acontece quando ligamos a causa de um objeto a um determinado efeito. Assim a relação de causalidade ligaria nossa experiência com esse objeto e é assim que conseguimos criar expectativas para o futuro. Por exemplo: algumas pessoas são alérgicas a frutos do mar, mas como elas poderiam saber que esses frutos do mar seriam a causa de sua alergia? Para que essas pessoas possam descobrir que sua alergia tem como causa comer os frutos do mar, antes de mais nada elas precisaram comer os frutos, e após comê-los, elas tiveram reações alérgicas. Dessa maneira essas pessoas associam que comer frutos do mar as causam alergia, logo futuramente essas pessoas não comeriam mais os frutos do mar, porque saberiam que se

o fizesse teria novamente uma crise alérgica. Na filosofia humeana nunca poderemos fazer uma inferência causal sem que em algum momento não tivéssemos uma experiência, portanto não poderíamos fazer uma inferência causal a partir de deduções.

Em meio as inferências causais qual seria sua fundamentação? De onde elas teriam surgido? Será que de nossos raciocínios? Na obra *Tratado da natureza humana* Hume afirma que: “Se fosse a razão, ela o faria com base no princípio de que *os casos de que não tivéssemos experiência devem se assemelhar aos casos de que tivemos experiências*, e de que *o curso da natureza continua sempre uniformemente o mesmo*” (HUME, 2009, p.118 grifo do autor). Todos os casos que não tivemos experiências são determinados por Hume como “princípio da semelhança” e ele nos mostra que as inferências causais não poderiam surgir dos raciocínios, já que eles apenas nos demonstram a semelhança entre os casos que não foram experimentados com os que passaram pela experimentação.

Para Hume os raciocínios podem ser divididos apenas em dois tipos: demonstrativos ou prováveis “isso é, conforme considere as relações abstratas entre nossas ideias ou as relações entre os objetos, que só conhecemos pela experiência” (HUME, 2009, p. 449). Hume acredita que nossos raciocínios não podem fornecer um argumento ou sequer fundamentar o princípio da inferência causal. Porque os raciocínios demonstrativos apenas podem estabelecer conclusões abstratas sobre nossas ideias e em nenhum momento poderiam ser concebidas como falsas, já os raciocínios prováveis “se fundam na suposição de uma semelhança entre os objetos de que tivemos experiência e aqueles de que não tivemos. É impossível, portanto, que essa suposição possa surgir da probabilidade” (HUME, 2009, p.119).

Para responder a própria problemática, Hume nos mostra uma possível solução para o problema da indução. Ele supõe que a indução é um princípio produtivo: “quando a mente passa da ideia ou impressão de um objeto à ideia de outro objeto, ou seja, à crença neste ela não está sendo determinada pela razão, mas por certos princípios que associam as ideias desses objetos, produzindo sua união na imaginação” (HUME, 2009, p. 121). Assim Hume nos demonstra que não são os raciocínios da razão que são responsáveis pela indução causal, mas a imaginação. Quando temos a ideia de algum objeto ou um evento que possa ser semelhante, a nossa mente acredita que esse objeto ou evento irá se repetir no futuro, e isso acontece pela “inferência” ou “propensão” do efeito de nossos

costumes. Esses efeitos de nossos costumes são uma espécie de instinto natural, que nos tornam mais prósperos no mundo do que se fôssemos confiar diretamente na razão para a produção da inferência causal.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se com a presente investigação que a base para fundamentação do método humeano encontra-se necessariamente na própria ciência do homem. Hume a todo momento em suas obras demonstra como a principal fonte de conhecimento para determinação do conhecimento humano encontra-se na ciência do homem, que toma como princípio fundamental para o conhecimento, a experiência e a observação: já que os dois são os princípios responsáveis por demonstrar aos indivíduos como eles podem interagir e apreender com as regulares características do comportamento humano, pertencentes a um conjunto de práticas comuns que podem se tornar a base mais sólida e verdadeira para os princípios filosóficos. Os princípios filosóficos de Hume foram de grande importância para a construção causal, que tinha como ordem de determinação as impressões e ideias fornecidas pelas experiências, assim como teve grande destaque para a construção de uma nova filosofia da mente.

REFERÊNCIAS

APARECIDO, Donizeti. *Hume entre o Ceticismo e o Naturalismo*. **Kinesis**, Vol. V, nº 09, jul, 2013, p. 62-77.

Barfoot, Michael. Hume and the Culture of Science. in *Studies in the Philosophy of the Scottish Enlightenment*, editado por M. A. Stewart. Oxford: Clarendon Press, 1990.

CACHEL, Andreia. *Teoria e experiência na ciência da natureza humana de Hume. Ética e filosofia política*, Número XIX – Volume I – Jun de 2016. Disponível em: www.ufjf.br/eticaefilosofia.

COSTA, Claudio. *Como resolver o problema da indução*. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia*. Minas Gerais, p. 21. Out, 2013. Volume V - Número 14 Disponível em: https://www.theoria.com.br/edicao14/como_resolver_o_problema_da_inducao.pdf

DESCARTES, René. **DISCURSO DO MÉTODO**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

DEMETER, Tamás. *hume's experimental Method*. **Max-Planck-Institut für Wissenschaftsgeschichte**, Berlin, p.29. May, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/43205825>

HUME, David. *A Treatise of Human Nature*. Ed. Selby Bigge, Clarendon press, 1896.

HUME, David. *Uma investigação sobre os princípios da moral*. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

Morris, William Edward e Charlotte R. Brown, "David Hume", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/hume/>>.

MONTEIRO, J. P.G. *Hume a Epistemologia*. São Paulo: UNESP, 2009.

SAPUNARU, Raquel. **O “Estilo Newtoniano”, o espaço, o tempo e o movimento “absolutos”: controvérsia entre cartesianos e newtoniano**. Orientador: Carlos Alberto Gomes dos Santos. 2006. 93 f. Dissertação: (Mestrado)- Pós-graduação em Filosofia da PUC-Rio, Universidade do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410642_06_pretextual.pdf